

O COMÉRCIO DE GUIMARÃES

Semanário Regionalista Publica-se às sextas-feiras **Director SOUSA MACHADO** Preço avulso **4\$00** PORTE PAGO

Ano Internacional da CRIANÇA

Acarinhar uma criança, protegê-la e defendê-la é algo que sempre existiu no lar, na escola e na sociedade.

As pessoas sempre se sentiram bem quando concorriam para que a criança encontrasse mais pão, melhor abrigo e um lugar ao sol para brincar.

Os políticos não foram uma excepção, quando publicamente, nos discursos inflamados, rendiam homenagem às mães e beijavam as crianças que lhes ofertavam flores. Uma criança, um ser indefeso que reclamava amor, foi através dos tempos objecto de extremos cuidados e desvelos. Os educadores e os psicólogos dedicaram-lhe estudos cujos tratados ficaram para a posteridade e a pedagogia da criança, mais que mito, apaixonou os dirigentes no sentido de lhe facilitar os meios em que ela vegetava.

Ela não estava esquecida. As famílias mais ou menos numerosas, repartiam quanto tinham com os filhos: pão e carinho. Ninguém tinha o direito de esquecer a criança e muito menos de a desprezar.

Se é certo que a escola não chegou para todas as crianças de Portugal, é oportuno lembrar

que o amor nunca faltou. Autoridades civis e religiosas, jornalistas e escritores deste País faziam a apologia da família que seria credora de grande respeito pelo muito que fazia pelos filhos. Falar da criança sem referir a família é criar um abismo.

Agora surgiu inesperadamente a ideia do Ano Internacional da Criança, depois dos votos favoráveis à legalização do aborto e do infeliz mostruário de cenas indecorosas, onde o nudismo, o palavrão e toda a casta de inconveniências envolveu uma sociedade em que a infância cresce e a que não pode ser estranha.

E a pretexto da tão apregoada educação sexual, com os efeitos

Conclui na página 3

O actual canil é desumana prisão

Num prédio sito na Alameda da Resistência, está colocada uma placa com os seguintes dizeres, cuja autoria é de G.

SÍNTESE DE POEMA

A' memória de Guedes de Amorim

Percorri caminhos velhos
Caminhos de humanidade,
Com a ideia já velha
A perder-se pela idade.
Ideia de ser no mundo
Peregrino do ideal,
Prêgar um amor profundo,
Levando nas mãos o Graal.
Cansei a meio — o caminho
Tão duro de percorrer
Nunca mais teria fim.
Procurei a gente toda
Todos fugiam de mim.
Percorri caminhos velhos,
Caminhos de humanidade.
Fiquei só neste caminho
Nesta ideia que tenho
De prestar culto à Bondade.

J. DE G.

Ao correr da pena

Duas exposições admiráveis

Duas exposições admiráveis estão neste momento abertas ao público: na Sociedade Martins Sarmiento e no Museu Regional Alberto Sampaio.

A primeira, «A Talha em Portugal» é da Fundação Calouste Gulbenkian, de Lisboa; a segunda, «Aspectos da Arte em Portugal do Século XVIII» pertence ao Museu Alberto Sampaio, desta cidade.

A simultaneidade destas duas exposições não deixa de ser elogiosa pelo que demonstram de valor, e, curiosamente, se completam pelos motivos que expõem, proclamando a segunda um património artístico cultural que honra e desvanece a cidade. Ainda

— CONCLUI NA PAGINA 2

Darwin: «A compaixão para com os animais é das mais nobres virtudes da natureza humana».

Recordamos aquele pensamento, ao saber como se encontram os cães que são apanhados na via pública, nesta cidade.

Ao que sabemos, encontram-se num canil (?), junto ao cemitério, que mais não é que uma prisão dolorosa, até à hora em que sejam procurados, ou então, que sejam mortos.

Se já é custoso saber-se que se matam aqueles animais, não é menos custoso, saber-se como se encontram, enquanto vivos.

Tradição horrível, é aquela que determina que os cães sejam mortos, ao fim de X dias, caso não sejam procurados, mas, uma Vereação Municipal virá, um dia, que tenha a feliz ideia de mandar construir um canil com as condições mínimas, para poder manter presos os cães, até ao dia em que a morte surja. Esta seria uma Obra humanitária que muito dignificaria quem a realizasse.

Mas, muito mais poderia ser feito por amor aos animais...

Conclui na página 2

Um remoque acintoso e despropositado...

O semanário local «O Povo de Guimarães», no seu n.º 55, de 15 de Março de 1979, ao cimo da terceira página mas com um «alerta» na primeira, insere um artigo, ilustrado com a fotografia do autor, da autoria do sr. Edmundo Marques Campos (que por acaso é presidente do Município de Guimarães), a propósito do aniversário daquele nosso colega.

O título é «sugestivo» e chama logo a atenção de quem quer: «Jornais locais? Para quê?».

O autor principia por divagar ex-cathedra acerca da Lei das Finanças Locais, de problemas decorrentes da gestão administrativa e de outros — e ninguém tem nada com isso, até porque a sua análise poderá estar certa. Mas quando ousa, nesse artigo de saudação ao semanário vimaranense, dar lições de deontologia jornalística, é evidente o seu propósito de amesquinhar «...os outros irmãos mais velhos»... considerando-os quase inúteis. Não seria preciso fazê-lo para exaltar, à sua maneira, os méritos do jornal vimaranense «que tem levantado problemas candentes, por vezes polémicos, mas de importância capital»...

Mal conhecemos o sr. Edmundo Marques Campos e nunca lhe falámos. Estranhámos as suas insinuações acintosas e descabidas, o seu remoque despropositado, que, iniludivelmente, nos atinge também (quem não se sente não é filho de boa gente)...

Não deve, o articulista de ocasião conhecer O Comércio de Guimarães, que detem um esforço espantoso de quase cem anos a defender os interesses desta terra e os direitos do seu povo. É uma admirável história de dignidade jornalística, de exaltação cívica, de aprumo moral de que pode ufanar-se. Temos a noção das nossas limitações e duma pequenez que não deslustra (como os homens, os jornais não se medem aos palmos), limitações e pequenez que, todavia, não têm impedido O Comércio de Guimarães de corresponder às responsabilidades e ser digno dum passado brilhante ao serviço desta região.

Desiludido, por vezes perseguido, sem apoios de qualquer espécie, ignorado por tantos que tanto lhe devem, O Comércio de Guimarães, como um velho de barbas brancas e face enrugada, riço como um pero, ainda tem forças bastantes para continuar a ocupar o seu posto sem pedir «meças» a ninguém... E pode o sr. Edmundo Marques Campos ficar certo de que não recuará quando for preciso deitar mão dum marmeleiro, assim a modos de Justiça de Fafe, para zurrir nos insolentes que lhe apareçam no caminho.

SEJA QUEM FOR!

Sousa Machado

REPAROS de perto e de longe

Defender valores

A preservação dos valores culturais e históricos da região vimaranense é tarefa de altíssima

ma importância e absolutamente necessária.

Assim o entenderam um grupo de vimaranenses e a Sociedade Martins Sarmiento, cujo sinal de alarme tem de ser bem compreendido e aceite.

Perante factos consumados e na iminência de novos atentados à arte e à história, a patrimónios de valor incensurável que urge defender de investidas corrosivas e destruidoras, a atitude impunha-se, como se impõe a melhor colaboração a quem procura manter incólumes os valores artísticos que nos legaram os antepassados.

Este movimento de preservação artística e cultural vem na altura própria e, naturalmente, vai contribuir para que não sejam possíveis mais atentados a um património que merece veneração e urge manter nas suas estruturas de autenticidade.

A campanha está em marcha e os objectivos são evidentemente importantes para que sejam alcançados no todo.

«GUIMARÃES e o DESAFIO DO FUTURO»

A Associação Cultural e Recreativa «CONVÍVIO» tem previsto para o presente ano um importante programa de actividades culturais que procuraremos ir divulgando ao longo do ano. Merece entretanto desde já destaque o ciclo de colóquios subordinado ao tema «Guimarães e o desafio do futuro» que val realizar, através do qual se pretende fazer a análise de alguns dos grandes

Conclui na página 4

Conclui na página 3

Ao correr da pena

CONCLUSÃO DA PÁGINA 1

porque as exposições contêm parte da colecção de gravuras da Sociedade Martins Sarmiento que as mais valoriza. Transcrevemos da abertura de um dos Catálogos referentes a estas exposições, o seguinte, da autoria de Artur de Gusmão, Director do Serviço de Belas Artes da Fundação Calouste Gulbenkian: «Julgamos, pois, aliantes experiências as que se proporcionam agora em Guimarães com inegável novidade a leitura duma exposição pela outra, com directa e distinta intervenção do «contexto local» em que cada uma ficou inserida.»

Não se pode deixar de sentir regozijo por este singular acontecimento cultural.

A Festa da Árvore

Vai, felizmente, tomando vulto pelo país a Festa da Árvore.

A beleza moral e educativa desta Festa que desperta o amor pelas árvores e ensina a querer-lhes bem, surgiu nos Estados Unidos da América do Norte, tendo-se iniciado na Europa em 1904 através da Irlanda, seguindo-se a Espanha em 1907, tendo as crianças plantado já neste país, 78.532 árvores!

Em Portugal, a Festa da Árvore celebrou-se em 9 de Março de 1915, embora antes houvesse algumas iniciativas isoladas. Esta Festa estendeu-se a todos os recantos do país em que os alunos das escolas primárias plantaram as suas árvores nos logradouros públicos. O grande entusiasmo que despertou de princípio foi decaído até praticamente ter desaparecido.

Nesta cidade, a Festa da Árvore despertou o mais vivo interesse. As Escolas Primárias de S. Francisco plantaram as suas árvores na Avenida D. João IV (que acabam de desaparecer)... Não se desvaneceu da memória de quantos tomaram parte nessa Festa pelo que depois sucedeu de insólito. Numa das noites seguintes essas árvores que as crianças alegremente plantaram foram arrancadas e destruídas, ignobilmente!

Velo daí a nossa oposição a toda a intolerância e a nossa repugnância pela ferocidade dos dogmatismos políticos e ideológicos. O corte dessas árvores teve uma intenção de carácter político a que nós crianças daquele tempo éramos estranhas e inocentes. Dias depois, como resposta, a mesma intolerância, mas de outra cor, assaltaram o oratório do Cano e partiram em pedaços a imagem de Cristo Crucificado lá existente. O sacrilégio repugnante não justificava o acto da destruição das árvores, mas a estupidez partidária não conhece meio termo nem princípios morais. É que a divergência política e o ódio não procuram a correcção e a decência. Destrói pelo prazer de destruir, escreve nas paredes, suja e danifica as casas e monumentos pela satisfação de fazer mal e escandalizar, num propósito de espalhar a esmo a própria negatividade do que defende.

A Festa da Árvore chegou a desaparecer, como chegou a ser considerada uma «festa laica»!... Revivê-la seria o ideal para que a árvore seja querida e amada por todas as crianças e depois por todos os homens.

Em 1978 assinalaram-se 400 fogos postos que destruíram milhões de árvores no valor de biliões de escudos!

Isto num país de pobres recursos como Portugal, são 400 crimes que não podem ficar impunes. Incendiaram-se montes para se fazer grandes negociações, como também por ódio aos seus proprietários entre os quais o próprio Estado, porque os parques florestais a ele pertencem.

A árvore tem de ser defendida. Sem ela o ar poluído não se higieniza e a terra sem arvoredo torna-se árida e sáfara, não produzindo os alimentos de que o homem tem imensa necessidade.

Defender a árvore é defender a própria vida.

19 de Março

Neste dia completaram-se 102 anos desde quando se fundou a Associação H. dos Bombeiros Voluntários de Guimarães.

Esta centenária Associação esperava, como era justo, que a sua mais premente necessidade — o seu novo quartel — se encontrasse em adiantado estado de construção, como seria o seu maior desejo. Mas as circunstâncias não o permitiram porque nada corre à maré dos nossos desejos.

Costuma-se dizer que o homem põe e Deus dispõe.

No entanto é possível que essas obras possam começar em breve. Oxalá.

Malfeitores

Mais uma vez o Liceu de Guimarães foi assaltado com o intuito de destruir o que pudessem encontrar à mão!

Uma autêntica acção de marginais, de indivíduos sem princípios, possuindo um estranho espírito de malfazer. Espatífaram no laboratório de química tudo que puderam. Uma máquina de escrever foi lançada à rua ficando destruída!

Guimarães era uma das urbes que se orgulhava até há pouco tempo, de não possuir esta classe de patifes, mas, como já os tem, é da competência da polícia dar cabo deles por todos os meios. A sociedade só é uma comunidade perfeita quando os maus tipos sejam separados dos bons para haver, ordem, respeito, acatamento e decência. Não há nação alguma que não tenha o cuidado de se livrar dos indesejáveis. A criminalidade tem aumentado em Portugal: As cadeias principais estão cheias e ainda falta meter lá os que andam à solta e todos os dias enchem os noticiários

A Arte adjectivada de Helena Amaral

Inaugurada no Ateneu Comercial do Porto, a exposição de flores desta Artista, chamou ao Salão Nobre do Ateneu numerosa e selecta assistência, sobretudo de Artistas.

Tendo iniciado a sua carreira de pintora há cerca de catorze anos, Helena Amaral atingiu uma evolução de nível invulgar, com inteiro aplauso do público e dos críticos.

Consagrada por valiosos prémios nacionais e estrangeiros, Helena Amaral entrou na galeria dos valores nacionais no campo das Artes Plásticas, com o relevo próprio de quem nasceu vocacionada para um estilo

determinado e nele se realizou plenamente.

Meta difícil, dada a numerosa pleiade de artistas que procuram na pintura de flores a expressividade artística de um temperamento.

O timbre excepcional das flores expostas advem, sobretudo, da composição que a Artista lhes imprimiu na tela e da técnica perfeita que alcançou.

As cores são puras. As formas, apenas sugeridas, não iludem a verdade. A pintura de Helena Amaral define-se na essência do movimento de certos pintores japoneses (Maruyama Okyo, por exemplo) nos quais a projecção das árvores na paisagem, e demais nas árvores floridas, surgem como aladas, como utilização de asas.

A técnica da pincelada moderna, requintada pelo equilíbrio da medida certa, usada com mestria e arte, impõe esta artista de temática floral como única no género, no clima artístico português.

As suas violetas são uma delícia para o olhar sensível, tal a expressividade natural da cor, da forma, da composição. Exalam ternura humana vertida nos sentimentos de quem as escolhe e aprecia.

As papoilas, as mimosas, as rosas, as folhas outonais, e muitas outras espécies formaram um jardim de aliciante interesse para o encantamento do espírito.

A intuição artística de Helena Amaral, pintora justamente adjectivada de excepcional, reflecte não só a sua capacidade criadora, mas também uma inspiração intimista de familiar compreensão da Natureza na sua exaltação mais bela e brilhante.

Anabel Paúl.

Instalações eléctricas

EM GERAL

Reparações

por pessoal QUALIFICADO

J. MONTENEGRO, L.DA

Rua de S. Gonçalo, 1052 1 68

Rua de Alcobaça, 59 1 63

Telefone 42258 1 9

GUIMARAES

ANTERO LYNO

dos jornais com os seus feitos. Há países em que as prisões arvoram a bandeira branca como sinal de que não tem inquilinos. Em Portugal só se pode izar uma bandeira preta como indicação de que estão a abarrotar...

Em Inglaterra, país democrático e liberal aonde os Direitos do Homem são devidamente reconhecidos e a ordem é um modelo de respeito, embora, por vezes ensombrada por lutas raciais-religiosas mais incompreensíveis do que justas, mantém ainda como justiça penal, a pena de açoites que são aplicados a chicote aos condenados a tal sentença. O respeito que esta forma de justiça provoca nos incriminados tem o efeito de concorrer que os actos criminosos nela incursos sejam cada vez mais raros. A pena degrada como estigmatiza o sentenciado, que a sua vergonha fica a doer eternamente como um remorso.

Portugal precisa de modificar o seu processo penal e adoptar meios mais convincentes como temerosos. Os nossos bons costumes acabaram. Hoje só se fala em luta, em reivindicações de toda a natureza, em violência, tanto pela palavra como por a letra cursiva, que proceder preventivamente é mais eficaz do que curar depois, em boa deontologia medicinal...

A. F.

Breves reflexões

A quadra quaresmal solicita o homem a uma séria e profunda reflexão. Bastará, na realidade, reflectir um pouco para se convencer de que o caminho que segue, de atropelos à moral e de pendor opressivo à própria consciência, não é o que convém à sua felicidade. E, no entanto, o homem segue, naturalmente, o seu caminho, como que sem arremos nem amparos, tropeçando aqui e além, mas sempre com uma réstea de esperança na satisfação dos seus desejos e ambições.

A sociedade está cheia de erros e de crimes e é em nome de ideais que o homem levanta a fronte para bradar os seus direitos e pedir a justiça que lhe falta.

Mas os ideais são muitas vezes uma frustração. O humanismo de que procuram revestir-se tem de envolver o homem na verdade toda da sua dignidade, da sua espiritualidade, do destino que não deve ser uma fatalidade mas um triunfo dos seus direitos, do seu esforço e da força da sua tenacidade. Não da sujeição à miséria, ao infortúnio, à opressão que os outros tentam impor-lhe, prègando-lhe calma e resignação. A rebeldia é uma virtude quando define o homem justo e razoável na sua vontade.

A quaresma poderia ser um exame longo das culpas humanas e sociais que arrastamos, quantas vezes com o desânimo e a tristeza da nossa maneira de ser e de sentir...

Florbela Espanca foi a poetisa enorme do ideal, do sonho e da dor. Ainda a propósito da sua personalidade e de «mitos» que se levantaram e urge destruir, transcrevemos, na sequência da crónica anterior, mais este «apontamento» de J. P. S., que fez uma análise breve mas expressiva acerca da poetisa alentejana:

«Quanto às supostas relações incestuosas com o seu irmão Apeles, trata-se de um outro «mito» que é preciso apagar de vez. É certo que Florbela dedicou sempre ao irmão uma amizade terna e profunda, como de mãe e filho. De resto, havia sido ele quem melhor a compreendia, quem procurava suavizar-lhe as mágoas místicas e humanas, quem, com acinte, passou à tela um dos mais originais retratos da poetisa, e quem afinal, privado com ela da mãe, mais se veio a apresentar como necessitado de afecto maternal, que desde os quatro anos de idade já é assinalado em Florbela pelo irmão. De resto, é ela a confidente das desventuras sentimentais do irmão com outras mulheres, e a sua correspondência para este testemunha, para quem a quiser consultar, um vero amor filial. Só, pois, uma menta-

REPAROS DE PERTO E DE LONGE

(Conclusão da 1.ª pág.)

Tutankamón & Ca. Ltd.

A exibição do tesouro de faraó Tutankamón nas cidades norte-americanas proporcionou gordos lucros a várias entidades, e não só aos museus. Muitas companhias se aproveitaram do interesse suscitado pelas fabulosas relíquias. Assim, a «Mitcher's Distillery» esforçou-se por agradar, ao mesmo tempo, aos apreciadores de antiguidades e aos amigos do bom whisky: a nova garrafa lançada pela companhia tem a forma da máscara mortuária de Tutankamón. A venda de diferentes produtos, desde peças de vestuário, roupas de casa a bijouterias, no «estilo faraónico», rendeu já dezenas de milhares de dólares em lucros.

A sombra disto e daquilo, surgem os negócios. Pois, então...

Quanto custa a areia do deserto?

Não poucos falsificadores têm enriquecido à custa dos países árabes produtores de petróleo. Um dos meios a que recorrem é a criação de companhias e firmas fictícias. O jornal «Al-Gomhouria» revelou, a este respeito, alguns dados espantosos: uma destas «companhias» vendia como medicinal garrafas de água da torneira, tendo ganho com isso dois milhões de dólares. Uma outra «firma» conse-

lidade folhetinesca, que vê, obrigatoriamente, na vida independente dos personagens de um romance ou nas divagações estéticas de um soneto, facetas pessoais da vida dos seus autores, pode ser levado a concluir semelhante enormidade. E, também aqui, tal como no seu pretenso «suicídio», nada há provado, antes pelo contrário. Só, pois, por maldicência ou delírio, propensos a ver em tudo necessariamente, manifestações de sexualidade, ou por anacrónico conservadorismo, inclinado a estigmatizar a mesma sexualidade como coisa do «demo», se podem assumir tais atitudes. Num e noutro caso, a pobreza de espírito e a calúnia podem dar-se as mãos, sobretudo se se trata de uma mulher, nesses recuados anos 20 que, ainda por cima, fazia desassombradamente poesia como nenhuma outra (e alguns homens inclusivé) a houvera feito».

A memória de Florbela está acima de todas essas mesquinhas e afrontas.

Tudo se dilui e cai por terra frente à obra maravilhosa que nos deixou—essa Mulher e Poetisa que também soube ser grande na sua dor que purificou a própria Arte em que se tornou grande.

J. de G.

guiu que os dirigentes de um Estado do qual três quartos é coberto de areia, comprassem... areia de «importação». Segundo dados da Liga dos Países Árabes, nos últimos sete anos, estes e outros negócios custam aos Estados produtores de petróleo 1,640 mil milhões de dólares.

Negociatas de lucros fabulosos sempre houve (e haverá) enquanto o mundo e o homem for homem com as suas ambições e o seu egoísmo.

Leilão curioso

Realizou-se há pouco tempo em Munique um leilão de curiosos objectos: uma toga de um juiz nazi, objectos vários fabricados por prisioneiros de campos de concentração, o livro de Hitler «Mein Kampf». Apresentada queixa à justiça, no sentido de proibir remates semelhantes, a fiscalização recusou-se a abrir inquérito. A este propósito, o Ministério da Justiça da Baviera apresentou a seguinte «explicação» dos factos: «Não há dúvidas absolutamente nenhuma de que a venda desses objectos prossegue fins exclusivamente científicos e históricos».

Se o futuro se faz com essa «ciência» e essa «história», francamente, estamos todos conversados...

Que equilíbrio?

A Comissão para a Igualdade racial da Grã-Bretanha teve que apreciar uma queixa contra uma cadeia de restaurantes, a «Genture Restaurants, Ltd.» e, em particular, contra o seu presidente, John Weston-Edwards. Os queixosos denunciaram o gerente de um estabelecimento desta cadeia, que se negou a reservar várias mesas a um grupo de cidadãos de cor, alegando que tinham muitos clientes. Segundo os resultados do inquérito efectuado pela Comissão, Weston-Edwards tinha dado instruções precisas aos seus colaboradores, para «não admitirem negros» nos seus estabelecimentos. De acordo com as suas palavras, a decisão não tinha sido inspirada por preconceitos raciais, mas apenas pelo receio de «alterar o equilíbrio racial da clientela».

A «negritude» continua a ser um problema em certos países de «civilização» adelantada... Bem prega Frei Tomás...

Dia da Árvore

Com o patrocínio da Câmara Municipal de Guimarães, foi comemorado em todo o concelho o Dia da Árvore.

No dia 20, no Largo da Oliveira, realizou-se um espectáculo para crianças, pelo Teatro de Ensaio Raúl Brandão.

No dia 21, pelas 15 horas, junto à Câmara Municipal, houve concentração dos alunos das escolas e, de seguida, em vários locais, foram plantadas, pelas crianças, centenas de árvores.

Na Biblioteca Pública da Gulbenkian foi de seguida exibido o filme «A Floresta», com colóquio dirigido pelo Engenheiro Silvicultor César China Pereira.

VOGA

Modas e Confeções

Participam aos seus prezados Amigos e Clientes que já estão a apresentar a sua

vasta colecção de Novidades para a temporada da
PRIMAVERA / VERÃO 1979
muito agradecendo a sua honrosa visita

J. PIMENTA & C.ª, L.ª DA

R. Paio Galvão, 64 — GUIMARÃES — Tel. 41809

«O Comércio de Guimarães» n.º 7.160 de 23 de Março de 1979



TRIBUNAL JUDICIAL DA
COMARCA DE GUIMARÃES

Anúncio

1.ª Publicação

Pela 2.ª secção do 2.º Juízo desta comarca, correm éditos de 30 dias, contados da data 2.ª e última publicação deste anúncio, citando os réus ANTONIO DA CUNHA e esposa ADÉLIA MACEDO, proprietários, ausentes em parte incerta da França e com última residência conhecida no País no lugar de Eiras, freguesia de Creixomil, desta comarca, para no prazo de 10 dias, posterior àquele dos éditos, contestarem, querendo, a acção de restituição de posse que lhes movem Carlos Alberto da Silva Freitas e esposa Delfina Simões Ribeiro Freitas, residentes no referido lugar de Eiras; Na referida acção, pedem os autores que os réus sejam condenados a restituírem-lhes:

a) — a posse do terreno de quintal da casa em que habitam, bem como do acesso ao mesmo terreno e do portão de entrada, e a demolirem o muro que, no local desse portão, fizeram construir, bem como a grade que o encima;

b) — a posse do pátio de cimento situado sob as escadas de acesso ao 1.º andar, a nascente do mesmo prédio, e a retirarem dele os materiais e objectos que ali colocaram;

Mais pedem que os réus sejam condenados a indemnizá-los pelos prejuízos que lhes causaram e estão causando, a liquidar em execução de sentença, e ainda nas custas e procuradoria.

Guimarães, 15 de Março de 1979.

O Escrivão de Direito,
António Gonçalves de Macedo
Verifiquei.

O Juiz de Direito,
João Manuel Simões Ribeiro

Se é bom vimaranense inscreva-se sócio dos BOMBELROS VOLUNTÁRIOS.

Novas Indústrias

Posso colaborar em média ou peq. ind. a estabelecer no Norte, rentável e de futuro.

Carta c/ todos os detalhes para:

A. M. — Rua Santos
Pousada, 960

4000 — PORTO

Câmara Municipal de Guimarães

Interrupção de trânsito

AVISO

Por motivo de substituição da conduta de abastecimento de água, vai ser interdita ao trânsito a partir de 26 do corrente mês de Março, a Rua de Camões.

Como alternativa no entanto, o trânsito poder-se-á fazer, nos sentidos POENTE-NASCENTE, na Rua Padre Borges, e de SUL-NORTE pela Rua da Caldeirã, sendo para o efeito, interdito o actual sentido de marcha nestas duas artérias.

Chama-se a atenção dos utentes que diariamente utilizam os Transportes Colectivos Urbanos na Linha 7-A, Largo 25 de Abril - Santo Amaro (via Salgueiral), para a seguinte alteração do percurso:

PARTIDAS: — Largo de Valentim Moreira de Sá, lado poente, Avenida de D. Afonso Henriques, Rua Dr. Eduardo d'Almeida, Cruz de Pedra e seguintes.

CHEGADAS: — O mesmo até à Rua da Liberdade, seguindo pela Rua Padre Borges, Rua da Caldeirã e Largo de Valentim Moreira de Sá.

Câmara Municipal de Guimarães, 19 de Março de 1979.

O Presidente da Câmara,
Edmundo António Ribeiro
Marques de Campos.

CINEMA SÃO MAMEDE

Amanhã, às 15,30 e 21,30 h., Assalto em Telavive. Domingo, às 10,45 h., A Floresta Maravilhosa; às 15,30 e 21,30 h., e segunda-feira, às 16,30 h., Macho La-

Boa oportunidade

Firma c/ 5 standes, bom local, vendedores na Praça, Carro, bom ficheiro, Sede Centro Baixo, procura colaboração de fábricas, Armazenistas, Importadores, Artesanato.

Contactar Tel. 36 29 06, depois das 15 horas ou carta a este jornal ao n.º 100.

Ano Internacional da CRIANÇA

(Conclusão da 1.ª pág.)

de todos conhecidos, não é mais que uma jogada para atingir os fins ilegítimos a que seria conduzida uma juventude mal acautelada.

Não nos admira todo o empenho posto ao serviço da criança, quando as contrações não subsistem para a defender e acusar, para a promover e desgraçar.

É com os olhos postos no futuro que ela será educada. E a tarefa dessa educação não é nada fácil. Que o digam os pais, os professores, os preceptores dos infantários e as religiosas das creches e das casas de saúde. Esta missão é de todos os anos, porque, na realidade, todos os anos são da criança, Clapared, Ferriere, Montessori, Decroly, João de Deus, Castilho e tantos outros, não foi em vão que amaram a criança e não cessaram de proclamar novas técnicas para a educar. No entanto, o seu desejo não excluía o respeito pela liberdade do educando, mas tendo em conta a sua promoção.

Louvamos o legítimo desejo de defender a criança e de a encaminhar para o amanhã pelas únicas vias que a levem a um futuro de amor ao trabalho e às pessoas, sem traumatismo que lhe neguem o direito ao optimismo necessário para suportar as futuras vitórias e derrotas, alegrias e tristezas.

É que, para falar a verdade, todo este cenário criado agora em volta da criança, tem um cheirinho a qualquer coisa. E ela até poderá ser explorada para outros fins. Nós temos o direito de duvidar!... É preciso dizê-lo para que, do menos, a criança portuguesa seja o orgulho das mães que a criaram e represente uma esperança segura para a sobrevivência deste País.

A. CABRAL

QUALIDADE

Oficina de Reparações Eléctricas em Automóveis e Bobinagem de Motores

SOLPÍCIO RIBEIRO DE OLIVEIRA, L.ª DA

Av. D. João IV — Telef. 42689

— GUIMARÃES —

ESMERIL

— GRANULADO —

CASA CHAVES CAMINHA

LISBOA — Av. Rio de Janeiro, 19-B

PORTO — Rua de Santa Teresa, 19

tino. Quarta-feira, às 16,30 e 21,30 h., Cuidado com Vóvó. Quinta-feira, às 16,30 e 21,30 h., A outra face de Roma.



Desporto

FUTEBOL

TAÇA DE PORTUGAL

O Vitória foi eliminado da prova pelo Sporting Clube de Portugal. O encontro realizou-se no domingo, no Estádio Municipal e o resultado foi, portanto, favorável aos lisboetas, por 1-3, após prolongamento.

O Vitória tinha, efectivamente, certas aspirações e não seria coisa do «outro mundo» conseguir realizá-las. Mas tal facto não se verificou, porque, até certo ponto, pode aceitar-se a asserção de «que contra a força não há resistência»...

Os vimaranenses marcaram em primeiro lugar e relativamente cedo. Era um factor a ter em conta para o comportamento da equipa. E esta aguentou muito bem a «carga» dos «leões», pois o empate só se verificou a escassos seis minutos do fim. Foi o desabar antecipado de todas as ilusões. E foi pena. Em tão curto período (o fim estava à vista), o Vitória tornou inglório o esforço de muitos minutos. A partida foi emotiva e os vimaranenses lá foram resolvendo os problemas que depararam.

No final do tempo regula-

mentar, o empate obrigou ao prolongamento.

De repente, o Sporting apontou o segundo tento e depois veio o terceiro—o da confirmação.

Nada mais havia a fazer. O esforço dispendido sobre um terreno batido de chuva e enlameado, tinha sido enorme e os lisboetas souberam superar com mais garra as dificuldades do tempo e da relva.

O tempo de inverno não ajuda em nada o sistema de jogo dos vimaranenses, argumento, com que não se pretende, afinal, tirar o mérito ao triunfo sportinguista, mais impetuoso a descobrir o caminho que conduz ao êxito.

Árbitro, António Espanhol, de Leiria.

GUIMARÃES—Melo; Ramalho, Manaca, Torres e Alfredo; Ferreira da Costa, Abreu e Pedroto; Romeu Jeremias e Mané.

SPORTING—Botelho, Artur, Laranjeira, Bastos e Inácio; Baltazar, Ademar e Marinho; Manuel Fernandes, Jordão e Zandonade.

Golos: Abreu, aos 22 m; Manuel, aos 85 e 110 m; e Zandonade, aos 120 m.

Provas regionais da A. F. de Braga

I Divisão

RESULTADOS

Palmeiras-Fão, 4-1; Vilaverdense-Negreiros, 1-1; Maximinense-Moreirense, 1-1; Granja-Ronfe, 3-1; Ruivamense-Louro, 1-1; Vieira-Taipas, 1-0; Santa Maria-Dumiense, 5-2; Marla da Fonte-B. da Misericórdia, 4-0.

II Divisão

Maikes-Serzedelo, 1-2; Celoricense-Gandarela, 2-1; Fermilense-Oliveirense, 1-4; Alegrienses-Fermentões, 0-0; Lage-Martim, 5-0; Panoeinse-Nenense, 0-0; Celeirós-Ceramistas, 5-3.

III Divisão

Este-Cabanelas, 2-3; Pousa-Arealenses, 0-3; Ginásio da Sé-Boavista, 5-1; Terras de Bouro-Gerês, 1-1; Grundig-Aguias, 3-3; Torcatense-S. Romão, 0-1; Patrimônioense-Cavez, 3-4.

Juniores

Maria da Fonte-Moreirense, 2-1; Campelos-Joane, 1-3; Coelima-Taipas, 0-1; Prado-Espesinde, 7-0.

Juvenis

Fafe-Famalicão, 2-0.

Iniciados

Esposende-Gil Vicente, 2-0; Braga-Guimarães, 5-1.

Farmácias de Serviço

Hoje — Nobel — telefone, 4 01 99
Amanhã—Praça — telefone, 4 04 70
Domingo — Lobo — telef., 4 11 24
Segunda—D. Machado—tel., 4 0 24
Terça — Hórus — telefone, 4 28 29
Quarta — Henrique — telef., 4 04 07
Quinta — Pereira — telef., 4 29 50

115 O número que salva vidas e socorre gratuitamente

Um dos acontecimentos mais amplamente promovidos pela imprensa lisboeta dos anos sessenta foi, indiscutivelmente, a criação do «115». Tratava-se de um serviço de emergência empenhado no transporte de acidentados de Lisboa e nele estava empenhada a Polícia de Segurança Pública que, para o efeito, foi dotada de um novo parque de ambulâncias.

Após a sua entrada em funcionamento, eram frequentes nos jornais da capital notícias que nos davam conta da celeridade crescente com que um atropelado, a vítima de uma queda grave ou os feridos resultantes de um choque de viaturas, eram socorridos e transportados ao bancos dos Hospitais.

Tomando rápida consciência dessa extrema utilidade que levou os governantes do país a promover a generalização de tal serviço a todo o território nacional.

Para tanto e para lá de um poderoso investimento em material adequado ao bom funcionamento desses serviços, requeria-se a criação de uma organização que basicamente coordenasse as suas funções. Nesta conclusão o seu aparecimento até aos nossos dias tem sido o instrumento de expansão do popular «115» desde os grandes centros urbanos até às regiões mais interiores do país. Isto através da harmonização dos serviços prestados pelos bombeiros municipais e voluntários de norte a sul de Portugal, e

dos que são garantidos às populações pela G. N. R. e pela P. S. P. hoje sem qualquer espécie de dúvidas os grandes instrumentos daquele serviço de emergência para socorro a sinistrados.

Todavia—porventura por deficiente informação—não têm sido poucos os equívocos, nem desprezíveis as margens de ignorância de algumas zonas de Portugal sobre este inestimável serviço já posto à sua disposição.

Nas cidades como nos campos, ou na orla marítima, é frequente surgirem casos em que é pedido ao «115» o transporte de um doente de sua casa para um hospital. Ou é requisitada uma ambulância a qualquer corporação de bombeiros voluntários para socorro a um sinistrado por acidente de viação, um acidentado no trabalho ou por qualquer outro tipo de ocorrência urgente.

Um e outro comportamento estão basicamente errados. No que diz respeito ao «115» não foi criado para serviço sanitário de transporte de doentes mas exclusivamente para se acorrer rapidamente a um local onde se tenha verificado um acidente ou situação de urgência a fim de prestar os primeiros socorros e transportar as vítimas ao banco do hospital mais próximo. Para tanto as suas tripulações foram especialmente adestradas através de instrução competente.

Apenas naqueles casos de emergência se processam os seus serviços que podem ser requeridos pela simples ligação de um telefone ao «115». Tal ligação põe o utente em contacto com uma central telefónica destes serviços de emergência que providenciará para que no espaço de tempo estritamente necessário para chegar ao local onde se resistiu qualquer acidente de graves consequências, surja uma ambulância do SNA, tripulada por equipas de socorristas da P. S. P. ou dos Bombeiros.

Isto acontece em todo e espaço nacional.

Mas Portugal é um País arreigado a hábitos. E, sobretudo na província e muito acentuadamente no norte e noroeste do país, perante qualquer emergência sangrenta, a primeira ideia que ocorre a testemunhas presenciais de um desastre de viação ou de outro

«Guimarães e o desafio do futuro»

Conclusão da página 1

problemas que Guimarães e a sua região irão enfrentar proximoamente.

Estes colóquios estão já a suscitar grande interesse, dado que terão a participação de especialistas de reconhecida competência, como se verifica já no primeiro marcado para a próxima semana, dia 24 do corrente, que terá a participação do Dr. Victor Constâncio e do Eng.º Eurico de Melo.

Nesse colóquio será discutida «A INTEGRAÇÃO EUROPEIA E A INDÚSTRIA TEXTIL», assunto que se reveste actualmente de grande interesse e de fundamental significado para a região de Guimarães, pois a indústria têxtil é não só a mais importante da nossa região como aquela que representa maior peso relativo nas exportações portuguesas.

A presença do Dr. Victor Constâncio, reputado economista e Presidente da Comissão Portuguesa para a Integração Europeia, é como tal a pessoa que, em princípio, melhor e mais profundamente conhece as implicações que resultarão da adesão de Portugal ao Mercado Comum, bem como do Eng.º Eurico de Melo, reconhecido especialista dos problemas relacionados com a indústria têxtil, constituem a garantia de um debate vivo e aliciente.

tipo é a de «chamar a ambulância».

Está certo. Mas será altamente preferível que «chame a ambulância» ligando o número 115, precisando com todo o rigor o local onde se verificou o acidente, quantos e em que circunstâncias se encontram as suas vítimas.

Vítimas em que não deve tocar sob risco de, por ignorância, poder transformar um caso recuperável num caso fatal.

Proteja essas vítimas, sinalize o acidente, mas não lhes toque. Justamente na Ambulância do 115 que está a chegar, os homens da Emergência saberão recolher os sinistrados de forma eficiente e transportá-los com assistência adequada ao posto de socorros mais próximo, sempre sem qualquer encargo para a vítima ou seus familiares.

Aqui está algo que toda a população de Portugal deve saber a favor da sua própria segurança.

«O Comércio de Guimarães» n.º 7.160 de 23 de Março de 1979



TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE GUIMARÃES

Ex. sen. 104-C-76

1.º Juízo 1.ª Secção

Anúncio

1.ª Publicação

FAZ-SE saber pelo 1.º Juízo de Direito desta comarca, e 1.ª Secção, nos autos de execução de sentença em que são: Exequente—SOCIEDADE TEXTIL DE BAIONA, LIMITADA, com sede na freguesia de Vilarinho, do concelho de Santo Tirso; e executada—ALBERTO MACEDO SOUSA, LIMITADA, sociedade comercial por quotas, com sede na freguesia de S. Romão da Ucha, do concelho de Barcelos, correm éditos de 20 dias para citação dos credores desconhecidos da executada os quais se tiverem garantia real sobre os bens penhorados, poderão, no prazo de dez dias, findos os éditos que se contam da segunda e última publicação do anúncio, reclamar, querendo, o pagamento dos seus créditos pelo produto dos bens que serão postos em praça.

Guimarães, 1 de Março de 1979.

O Escrivão de Direito,

Domingos dos Santos Falcão
Verifiquei.

O Juiz de Direito,

Manuel de Sá Machado da Silva

«O Comércio de Guimarães» n.º 7.160 de 23 de Março de 1979



TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE GUIMARÃES

Anúncio

2.ª Publicação

Pela 2.ª secção do 2.º Juízo desta comarca, correm éditos de 20 dias, contados da data da 2.ª e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos dos executados JORGE AUGUSTO GUIMARÃES FOLHADELA MARQUES e esposa D. JUDITE FERNANDA BRAVO DE CASTRO FOLHADELA MARQUES, residentes na Rua Dr. Alberto Vieira Braga, desta cidade, para no prazo de 10 dias, posterior àquele dos éditos, reclamarem o pagamento dos seus créditos pelo produto dos bens penhorados sobre que tenham garantia real, na execução de sentença que contra aqueles executados move o Banco Pinto & Sotto Mayor.

Guimarães, 9 de Março de 1979.

O Escrivão de Direito,

António Gonçalves de Macedo
Verifiquei.

O Juiz de Direito,

João Manuel Simões Ribeiro

O COMÉRCIO DE GUIMARÃES

Propriedade da

Empresa Gráfica do Jornal O Comércio de Guimarães, Limitada

Redacção, Administração, Composição e Impressão:

Rua D. João I, 59-61 — Telefone, 42506 — GUIMARÃES